

## PERSONAGENS

### **Dallas**

Ross Perot, presidente executivo da Electronic Data Systems Corporation, Dallas, Texas.

Merv Stauffer, braço direito de Ross Perot.

T. J. Marquez, um dos vice-presidentes da EDS.

Tom Walter, diretor financeiro da EDS.

Mitch Hart, antigo presidente da EDS com boas ligações ao Partido Democrático.

Tom Luce, fundador do escritório de advogados Hughes & Hill em Dallas.

Bill Gayden, presidente da EDS World, uma subsidiária da EDS.

Mort Meyerson, um dos vice-presidentes da EDS.

### **Teerão**

Paul Chiapparone, diretor da EDS Corporation no Irão;  
Ruthie Chiapparone, sua mulher.

Bill Gaylord, adjunto de Paul; Emily Gaylord, sua mulher.

Lloyd Briggs, terceiro adjunto de Paul.

Rich Gallagher, assistente administrativo de Paul; Cathy Gallagher, sua mulher; *Buffy*, o caniche de Cathy.

Paul Bucha, antigo diretor da EDS Corporation no Irão, mais tarde sediado em Paris.

Bob Young, diretor da EDS no Kuwait.

John Howell, advogado da Hughes & Hill.  
Keane Taylor, diretor do projeto do Banco Omran.

#### *A equipa*

Coronel Arthur D. *Bull* Simons, comandante.  
Jay Coburn, subcomandante.  
Ron Davis, batedor.  
Ralph Boulware, atirador.  
Joe Poché, condutor.  
Glenn Jackson, condutor.  
Pat Sculley, flanco.  
Jim Schwebach, flanco e explosivos.

#### *Os iranianos*

Abolhasan, delegado de Lloyd Briggs e o funcionário iraniano mais importante.  
Majid, assistente de Jay Coburn; Fara, filha de Majid.  
Rashid, Seyyed e o *Motoqueiro*, engenheiros de sistemas estagiários.  
Gholam, encarregado do pessoal e do aprovisionamento sob as ordens de Jay Coburn.  
Hosain Dadgar, juiz de instrução.

#### *Embaixada dos Estados Unidos*

William Sullivan, embaixador.  
Charles Naas, ministro conselheiro, vice de Sullivan.  
Lou Goelz, cônsul-geral.  
Bob Sorenson, funcionário da embaixada.  
Ali Jordan, iraniano, funcionário da embaixada.  
Barry Rosen, adido de imprensa.

#### **Istambul**

Mr. Fish, engenhoso agente de viagens.  
Ilsmán, funcionário da MIT, a agência de informações da Turquia.  
Charlie Brown, intérprete.

## **Washington**

Zbigniew Brzezinski, conselheiro para a segurança nacional.

Cyrus Vance, secretário de Estado.

David Newsom, subsecretário do Departamento de Estado.

Henry Precht, chefe da secção do Irão no Departamento de Estado.

Mark Ginsberg, Casa Branca, contacto com o Departamento de Estado.

Almirante Tom Moorer, antigo presidente do Estado-Maior.

## AGRADECIMENTOS

Obtive ajuda de muitas pessoas que conversaram comigo durante horas sem fim, responderam às minhas cartas e leram e corrigiram várias versões do livro. Pela sua paciência, franqueza e cooperação agradeço em especial às seguintes:

Paul e Ruthie Chiapparone e Bill e Emily Gaylord;  
Jay e Liz Coburn, Joe Poché, Pat e Mary Sculley, Ralph e Mary Boulware, Jim Schwebach, Ron Davis, Glenn Jackson;  
Bill Gayden, Keane Taylor, Rich e Cathy Gallagher, Paul Bucha, Lloyd Briggs, Bob Young, John Howell, Rashid, Toni Dvoranchik, Kathy Marketos;  
T. J. Marquez, Tom Walter, Tom Luce;  
Merv Stauffer, sempre incansável no seu apoio;  
Margot Perot, Bette Perot;  
John Carlen, Anita Melton;  
Henry Kissinger, Zbigniew Brzezinski, Ramsey Clark, Bob Strauss, William Sullivan, Charles Naas, Lou Goelz, Henry Precht, John Stempel;  
Dr. Manuchehr Razmara;  
Stanley Simons, Bruce Simons, Harry Simons;  
Tenente-coronel Charles Krohn do Pentágono;  
Major Dick Meadows, major-general Robert McKinnon;  
Dr. Walter Stewart, Dr. Harold Kimmerling.

Como habitualmente, fui auxiliado por dois investigadores infatigáveis: Dan Starer, em Nova Iorque, e Caren Meyer, em Londres.

Fui igualmente apoiado pelos extraordinários telefonistas da sede da EDS, em Dallas.

Foram transcritas mais de cem horas de entrevistas gravadas, principalmente por Sally Walther, Claire Woodward, Linda Huff, Cheryl Hibbitts e Becky DeLuna.

Por fim, agradeço a Ross Perot. Sem a sua espantosa energia e determinação não só este livro como a aventura que ele relata teriam sido impossíveis.

## PREFÁCIO

Esta é uma história verdadeira sobre um grupo de pessoas que, acusadas de crimes que não cometeram, decidiram fazer justiça pelas próprias mãos.

Quando a aventura terminou, teve lugar um julgamento onde foram ilibados de todas as acusações. Esse julgamento não faz parte desta história, mas uma vez que estabeleceu a sua inocência, inclui em apêndice pormenores do veredito e do julgamento.

Ao narrar a história, tomei duas pequenas liberdades relativas à verdade.

Várias pessoas são referidas por pseudónimos ou alcunhas, normalmente para as proteger da vingança do governo do Irão. Os nomes falsos são os seguintes: Majid, Fara, Abolhasan, Mr. Fish, *Garganta Funda*, Rashid, o *Motoqueiro*, Mehdi, Malek, Gholam, Seyyed e Charlie Brown. Todos os outros nomes são verdadeiros.

Em segundo lugar, ao recordar conversas travadas três ou quatro anos antes, é raro as pessoas lembrarem-se das palavras exatas então utilizadas; além disso, é normal que uma conversa real, cheia de gestos, interrupções e frases inacabadas, não faça sentido ao ser transcrita. Assim, os diálogos deste livro são reconstruídos e editados. Contudo, todas as conversas reconstruídas foram mostradas a pelo menos um dos participantes para sua correção e aprovação.

Com estas duas ressalvas, creio que todas as palavras que se seguem são verdadeiras. Este livro não é uma «passagem à ficção» nem um «romance não fictício». Não inventei nada. O que o leitor irá ler é o que realmente aconteceu.







## CAPÍTULO UM

### I

Tudo começou a 5 de dezembro de 1978.

Jay Coburn, diretor de pessoal da EDS Corporation no Irão, estava sentado no seu gabinete, na zona norte de Teerão, com muito em que pensar.

O gabinete situava-se num edifício de cimento de três andares conhecido por Bucareste, porque ficava numa viela que saía da rua Bucareste. Coburn encontrava-se no primeiro andar, numa sala grande pelos padrões americanos. Tinha soalho de madeira, uma elegante secretária de executivo em madeira, e uma fotografia do Xá na parede. Estava sentado de costas para a janela e, através da porta de vidro, via o escritório em espaço aberto, onde o seu pessoal se sentava às máquinas de escrever e telefones. A porta de vidro tinha cortinas, mas Coburn nunca as fechava.

Estava frio. O frio era uma constante: milhares de iranianos faziam greve, o fornecimento de energia à cidade era intermitente, e o aquecimento era desligado por várias horas na maior parte dos dias.

Coburn era um homem alto de ombros largos, com quase um metro e oitenta de altura e noventa quilos de peso. O cabelo castanho-avermelhado curto estava cuidadosamente penteado, com um risco. Embora tivesse apenas trinta e dois anos, parecia mais perto dos quarenta. Examinado de perto, a juventude revelava-se através do rosto atraente e aberto e do sorriso pronto, mas tinha um ar de maturidade precoce, o ar de um homem que crescera demasiado depressa.

Toda a vida arcara com responsabilidades: em rapaz, a trabalhar na florista do pai; aos vinte anos, como piloto de helicópteros no Vietname; como jovem marido e pai; e presentemente como diretor de pessoal, tendo nas mãos a segurança de cento e trinta e um funcionários americanos e dos seus duzentos e vinte dependentes, numa cidade onde a violência da população reinava nas ruas.

Naquele dia, à semelhança de todos os outros, fazia telefonemas para toda a cidade a tentar descobrir onde se travavam lutas, onde se iriam travar a seguir e quais eram as perspectivas para os próximos dias.

Telefonava para a Embaixada dos Estados Unidos pelo menos uma vez por dia. A embaixada dispunha de uma sala de informações com pessoal a trabalhar vinte e quatro horas por dia. Os americanos ligavam de diferentes áreas da cidade para comunicar tumultos e manifestações, e a embaixada disseminava as notícias, informando que este ou aquele bairro deviam ser evitados. Todavia, para informações antecipadas e conselhos, Coburn considerava a embaixada praticamente inútil. Nas reuniões semanais, a que comparecia fielmente, diziam-lhe sempre que os americanos se deviam manter dentro de portas o mais possível e afastarem-se de multidões a todo o custo, mas que o Xá controlava a situação e que a evacuação não era recomendável naquela altura. Coburn compreendia o problema deles — se a Embaixada dos Estados Unidos dissesse que o Xá vacilava, este cairia certamente —, mas eram tão cautelosos que não divulgavam praticamente quaisquer informações.

Desiludida com a embaixada, a comunidade americana de negócios em Teerão montara a sua própria rede de informações. A maior corporação americana da cidade era a Bell Helicopter, que, no Irão, era dirigida por um major-general na reserva, Robert N. Mackinnon. Este detinha um serviço de informações de primeira classe e partilhava tudo. Coburn também conhecia alguns funcionários da secreta dos militares americanos e telefonou-lhes.

Naquele dia a cidade estava relativamente sossegada: não havia manifestações importantes. A última explosão grave ocorrera três dias antes, a 2 de dezembro, o primeiro dia da greve geral, em que setecentas pessoas haviam sido dadas como mortas em lutas de

rua. Segundo as fontes de Coburn, contava-se que a acalmia prosseguisse até 10 de dezembro, o dia santo muçulmano da Ashura.

Coburn estava preocupado com a Ashura, o feriado de inverno, que não se assemelhava nada ao Natal. Tratava-se de um dia de jejum e luto pela morte do neto do Profeta, Husayn, e a tônica era o remorso. Teriam lugar enormes procissões, durante as quais os crentes mais devotos se açoitariam. Numa atmosfera dessas, a histeria e a violência poderiam explodir rapidamente.

Coburn receava que naquele ano a violência pudesse voltar-se contra os americanos.

Uma série de incidentes desagradáveis havia-o convencido de que o sentimento antiamericano alastrava rapidamente. Tinha sido enfiado um cartão por debaixo da sua porta que dizia: «Se dá valor à sua vida e aos seus bens, saia do Irão.» Amigos seus haviam recebido cartões semelhantes. Pintores com *sprays* tinham escrito «Aqui vivem americanos» na parede da sua casa. O autocarro que levava os seus filhos para a escola americana de Teerão fora sacudido por uma multidão de manifestantes. Outros empregados da EDS tinham sido alvo de apupos nas ruas e visto os seus carros danificados. Numa tarde assustadora, iranianos haviam entrado em histeria no Ministério da Saúde e da Segurança Social — o maior cliente da EDS —, estilhaçando vidraças e queimando fotografias do Xá, enquanto os executivos da EDS que se encontravam no edifício se haviam barricado num gabinete até a multidão se afastar.

De certo modo, o desenvolvimento mais sinistro era a mudança de atitude do senhorio de Coburn.

À semelhança da maioria dos americanos em Teerão, Coburn alugava metade de uma casa familiar de dois andares: ele e a mulher habitavam no primeiro andar, e a família do senhorio no rés do chão. Quando os Coburns tinham chegado, em março daquele ano, o senhorio tomara-os sob a sua proteção. As duas famílias tinham ficado amigas. Coburn e o senhorio discutiam religião, e o segundo dera ao americano uma tradução inglesa do Corão; a filha do iraniano lia ao pai excertos da Bíblia de Coburn e juntos faziam passeios de fim de semana ao campo. Scott, o filho de Coburn, de sete anos, jogava futebol na rua com os filhos do senhorio. Certo

fim de semana, os Coburns tiveram o raro privilégio de ir a um casamento muçulmano. Fora fascinante. Homens e mulheres tinham estado segregados durante todo o dia e, portanto, Coburn e Scott haviam ido com os homens, a sua mulher Liz e as três filhas com as mulheres. Coburn nunca conseguiu ver a noiva.

Depois do verão, as coisas tinham mudado gradualmente. Os passeios de fim de semana cessaram. Os filhos do senhorio foram proibidos de brincar com Scott na rua. A pouco e pouco, todo o contacto entre as duas famílias cessou, mesmo dentro dos limites da casa e do pátio, e as crianças eram repreendidas só por falarem com a família de Coburn.

O senhorio não começara de súbito a odiar os americanos. Certa noite provara que ainda gostava dos Coburns. Houvera um tiroteio na rua: um dos seus filhos saíra depois do recolher obrigatório, e os soldados haviam disparado contra o rapaz, que corria para casa e saltava o muro do pátio. Coburn e Liz tinham visto tudo da varanda do primeiro andar, e ela ficara assustada. O senhorio subira para lhes contar o que acontecera e lhes assegurar que estava tudo bem mas era óbvio que achava que, para segurança da sua família, não podia ser visto a mostrar-se amigável para com os americanos: sabia de que lado soprava o vento. Para Coburn foi mais outro sinal agourento.

Agora, ouvira dizer que nas mesquitas e nos bazares só se ouvia falar de uma guerra santa contra os Americanos, a começar na Ashura. Faltavam cinco dias, mas os americanos em Teerão mostravam-se surpreendentemente calmos.

Coburn recordava-se da altura em que fora introduzido o recolher obrigatório: nem sequer interferira com o jogo mensal de póquer da EDS. Ele e os outros amigos jogadores tinham simplesmente trazido as esposas e os filhos e transformado aquilo numa festa, ficando até de manhã. Tinham-se habituado ao som dos tiros. A maior parte das lutas mais sérias ocorria na zona mais velha da cidade, a sul, onde se situavam os bazares, e na zona em redor da universidade, mas toda a gente ouvia tiros de tempos a tempos. Após as primeiras ocorrências, haviam-se tornado curiosamente indiferentes. Quem estivesse a falar calava-se, prosseguindo quando

o tiroteio cessava, tal como podia acontecer nos Estados Unidos quando um jato passava no céu. Era como se não conseguissem imaginar que os tiros podiam destinar-se a eles.

Coburn não se mostrava descontraído em relação aos tiroteios. Fora alvo de muitos tiros quando era mais novo. No Vietname, tanto pilotara helicópteros de combate em apoio a operações no solo, como os que transportavam tropas e provisões, aterrando e levantando voo em campos de batalha. Matara gente e vira homens morrer. Naquele tempo, o Exército dava uma Medalha do Ar por cada vinte e cinco horas de voo em combate, e Coburn regressara a casa com trinta e nove. Recebera igualmente duas Cruzes de Serviços Distintos na aviação, uma Estrela de Prata, e uma bala na barriga da perna, a parte mais vulnerável de um piloto de helicópteros. Durante esse ano, aprendera que lidava muito bem com a ação, quando havia tanto que fazer e não tinha tempo de se sentir assustado. Todavia, sempre que regressava de uma missão, depois de tudo ter acabado e quando podia pensar no que fizera, tremiam-lhe os joelhos.

Sentia-se estranhamente grato por essa experiência. Crescera depressa, o que lhe dera vantagem sobre os seus contemporâneos na vida profissional. Também lhe dera um respeito saudável pelo som dos tiros.

Contudo, a maior parte dos colegas não o sentia, assim como as suas mulheres. Sempre que se discutia a evacuação, resistiam à ideia. Haviã investido tempo e trabalho, sentiam orgulho da EDS Corporation do Irão e não queriam deixá-la. As mulheres tinham transformado os apartamentos alugados em verdadeiros lares e faziam planos para o Natal. Os filhos tinham a sua escola, os seus amigos, as bicicletas e os animais de estimação. Diziam a si próprios que, se se mantivessem discretos e agentassem, certamente os problemas passariam.

Coburn tentara convencer Liz a levar os filhos de regresso para os Estados Unidos, não só pela sua segurança, mas porque podia chegar a altura em que tivesse de evacuar cerca de trezentas e cinquenta pessoas simultaneamente e teria de dar a essa tarefa toda a sua atenção, sem que a ansiedade pela sua própria família o distraísse. Liz recusara-se a ir.

Ao pensar nela, suspirou. Era divertida e brincalhona e todos gostavam da sua companhia, mas não era uma boa esposa para um executivo de uma corporação. A EDS exigia muito aos seus funcionários superiores: se fosse necessário trabalhar toda a noite para terminar uma tarefa, assim se fazia, e Liz levava isso a mal. Nos Estados Unidos, a trabalhar como recrutador, Coburn ausentara-se muitas vezes de casa de segunda a sexta, viajando por todo o país, e ela odiara isso. Era feliz em Teerão, porque ele vinha para casa todas as noites. Se ele ali ficasse, ela ficaria também, declarou. Os filhos também gostavam de lá estar. Era a primeira vez que viviam fora dos Estados Unidos, e a língua e a cultura do Irão, tão diferentes, intrigavam-nos. Kim, a mais velha, com onze anos, era demasiado autoconfiante para se preocupar. Kristi, de oito anos, mostrava-se um tanto inquieta, mas era a mais emotiva, sempre pronta a reagir com demasiada intensidade. Tanto Scott, de sete anos, como Kelly, ainda um bebé de quatro anos, eram demasiado novos para compreenderem o perigo.

Portanto, ficaram, como todos os outros, esperando que as coisas melhorassem... ou piorassem.

Os pensamentos de Coburn foram interrompidos por um toque na porta, e Majid entrou. Era um homem baixo e encorpado com cerca de cinquenta anos e um bigode farfalhudo; em tempos fora rico: a sua tribo possuía muitas terras, que perdera na reforma agrária dos anos sessenta. Presentemente trabalhava para Coburn como assistente administrativo, ocupando-se da burocracia iraniana. Falava um inglês fluente e tinha muita iniciativa. Coburn gostava muito dele. Majid ajudara-os muitíssimo quando a sua família chegara ao Irão.

— Entre — disse Coburn. — Sente-se. O que é que o preocupa?

— É por causa da Fara.

Coburn assentiu com um gesto. Fara era filha de Majid e trabalhava com o pai; o seu trabalho consistia em garantir que todos os funcionários americanos tinham sempre vistos e autorizações de trabalho atualizados.

— Há algum problema? — perguntou Coburn.

— A polícia pediu-lhe que tirasse dois passaportes americanos dos nossos arquivos *sem dizer a ninguém*.

Coburn franziu o sobrolho. — Algum passaporte em especial?  
— Os do Paul Chiapparone e do Bill Gaylord.

Paul era o chefe de Coburn, o diretor da EDS Corporation no Irão. Bill era o seu adjunto e gestor do seu maior projeto, o contrato com o Ministério da Saúde.

— Que diabo se passa? — quis saber Coburn.

— A Fara corre um grande perigo — afirmou Majid. — Recebeu instruções para não falar disto a ninguém e veio pedir-me conselho. É claro que tive de lhe contar, mas receio que ela se meta num grande problema.

— Espere um pouco, voltemos atrás — disse Coburn. — Como é que isto aconteceu?

— Esta manhã, ela recebeu um telefonema do Departamento da Polícia, da secção americana do Gabinete dos Vistos de Residência. Pediram-lhe que fosse ao serviço, dizendo que era sobre o James Nyfeler. A Fara pensou que era rotina. Chegou ao serviço às onze e meia e apresentou-se ao chefe da secção americana. Primeiro, ele pediu o passaporte e a autorização de residência de Mr. Nyfeler. Ela respondeu que Mr. Nyfeler já não se encontrava no Irão. Depois, perguntou pelo Paul Bucha. Ela disse que Mr. Bucha também já não se encontrava no Irão.

— Ai sim?

— Sim.

Bucha *estava* no Irão, mas talvez Fara não o soubesse, pensou Coburn. Bucha residira lá, mas saíra do país e regressara por pouco tempo. Ia voar de regresso a Paris no dia seguinte.

Majid prosseguiu: — Então, o funcionário disse: «Suponho que os outros dois também se foram embora?». Fara viu que ele tinha quatro ficheiros em cima da secretária e perguntou-lhe que outros dois. Ele respondeu Mr. Chiapparone e Mr. Gaylord. Ela informou-o de que tinha ido ali buscar a autorização de residência de Mr. Gaylord de manhã cedo. O funcionário disse-lhe que fosse buscar os passaportes e as autorizações de residência de Mr. Gaylord e de Mr. Chiapparone e que lhos trouxesse. Devia agir discretamente para não causar alarme.

— Que lhe respondeu ela?

— Disse-lhe que não os podia levar hoje, e ele deu-lhe ordens para os levar amanhã de manhã. Explicou-lhe que era oficialmente responsável por aquilo e certificou-se de que havia testemunhas relativas àquelas instruções.

— Isto não faz qualquer sentido — comentou Coburn.

— Se eles souberem que a Fara lhes desobedeceu...

— Vamos pensar numa forma de a proteger — sossegou-o Coburn. Perguntou-se se os americanos eram obrigados a entregar os passaportes quando lhos pediam. Ele fizera-o recentemente após um acidente de trânsito sem importância, mas mais tarde fora-lhe dito que não precisava de o ter feito. — Não disseram por que motivo queriam os passaportes?

— Não.

Bucha e Nyfeler eram os predecessores de Chiapparone e Gaylord. Seria isso uma pista? Coburn não sabia.

Levantou-se. — A primeira decisão que temos de tomar é o que a Fara vai dizer à polícia amanhã de manhã — afirmou. — Vou falar com o Paul Chiapparone e volto a contactá-lo.

Paul Chiapparone estava sentado no seu gabinete no rés do chão do edifício. Também ali o soalho era de madeira, tinha uma secretária de executivo, uma fotografia do Xá na parede e muito em que pensar.

Com trinta e nove anos, era de altura mediana, com algum peso a mais sobretudo por apreciar boa comida. De pele cor de oliva e espesso cabelo negro, parecia mesmo italiano. A sua tarefa era pôr de pé um sistema de segurança social completo e moderno num país primitivo. Não era fácil.

No início dos anos setenta, o Irão tinha um sistema de segurança social rudimentar e tão fácil de defraudar que um homem podia receber várias vezes subsídios pela mesma doença. Quando o Xá decidiu gastar parte dos seus vinte mil milhões de dólares anuais provenientes do petróleo para criar um Estado social, a EDS obteve o contrato. A EDS geria os programas da Medicare e da Medicaid de vários estados nos Estados Unidos, mas no Irão tivera de começar do nada. Fora necessário emitir um cartão da



segurança social para cada um dos trinta e dois milhões de habitantes do Irão, organizar os descontos no ordenado para que os empregados pagassem as suas contribuições, e processar os pedidos de subsídios. Todo o sistema seria gerido por computadores, a especialidade da EDS.

Paul descobriu que a diferença entre instalar um sistema de processamento de dados nos Estados Unidos e fazer o mesmo no Irão era como a diferença entre fazer um bolo a partir de uma mistura de pacote ou usar o método antiquado com todos os ingredientes. Era muitas vezes frustrante. Os iranianos não tinham a atitude confiante dos executivos americanos e parecia que a maior parte das vezes criavam problemas em vez de os resolverem. Na sede da EDS em Dallas, não só esperavam que as pessoas fizessem o impossível, como também queriam tudo «para ontem». Ali, no Irão, tudo era impossível e, de qualquer modo, era apenas para «fardah», normalmente traduzido por «amanhã», mas querendo na prática dizer «num futuro indeterminado».

Paul atacara os problemas da única forma que conhecia: com trabalho árduo e determinação. Não era um génio intelectual. Em rapaz, tivera dificuldades com os estudos, mas o pai, um italiano, com a sua fé na educação, típica dos imigrantes, pressionara-o para estudar, e ele acabara por obter boas notas. A persistência pura havia-lhe sido útil desde então. Lembrava-se bem dos primeiros tempos da EDS nos Estados Unidos, nos anos sessenta, quando um contrato novo podia destruir ou lançar a companhia. E ele ajudara a fazer dela uma das corporações mais dinâmicas e bem-sucedidas do mundo. Pensara que a operação iraniana iria seguir o mesmo caminho, em especial quando o programa de recrutamento e formação de Jay Coburn começara a apresentar mais iranianos capazes de executar gestão de topo.

Enganara-se redondamente e só agora começara a compreender porquê.

Quando ele e a família haviam chegado ao Irão, em agosto de 1977, a expansão do petrodólar já terminara, e o governo estava a ficar sem dinheiro. Nesse ano, um programa anti-inflação aumentara o desemprego exatamente quando uma má colheita trouxera

ainda mais camponeses famintos para as cidades. O governo tirano do Xá fora enfraquecido pelas políticas de direitos humanos do presidente Jimmy Carter. Era o momento propício para a agitação política.

Durante algum tempo, não prestou muita atenção à política local. Sabia que havia surtos de descontentamento, mas podia dizer-se isso de todos os países, e o Xá parecia ter tão firmes as rédeas do governo como qualquer outro governante. À semelhança do resto do mundo, Paul não entendeu o significado dos acontecimentos da primeira metade de 1978.

A 7 de janeiro, o jornal *Etelaat* publicou um ataque fortíssimo contra um clérigo exilado chamado aiatola Khomeini, alegando entre outras coisas que era homossexual. No dia seguinte, a cento e vinte quilómetros de Teerão, na cidade de Qom — o centro principal de educação religiosa do país —, estudantes de teologia furiosos procederam a um protesto pacífico de ocupação que foi interrompido pelos militares e pela polícia de forma sangrenta. Os confrontos alastraram, e outras setenta pessoas foram mortas em mais dois dias de distúrbios. O clero organizou um desfile em homenagem aos mortos quarenta dias mais tarde, de acordo com a tradição islâmica. Durante o desfile houve mais violência, e os mortos foram homenageados noutra comemoração passados outros quarenta dias... Os desfiles prosseguiram, cada vez maiores e mais violentos, durante os primeiros seis meses do ano.

Em retrospectiva, Paul apercebeu-se de que chamar àquelas marchas «desfiles fúnebres» fora uma forma de contornar a proibição do Xá de manifestações políticas. Todavia, nessa altura, não fazia ideia de que se estava a formar um enorme movimento político. Nem ele, nem mais ninguém.

Em agosto desse ano, foi aos Estados Unidos de férias, o mesmo se passando com William Sullivan, o embaixador americano no Irão. Paul adorava todo o tipo de desportos aquáticos e fora a um torneio de pesca desportiva em Ocean City, na Nova Jérсия, com o seu primo Joe Porreca. A mulher, Ruthie, e as filhas, Karen e Ann Marie, foram a Chicago visitar os pais de Ruthie.

Paul estava um pouco ansioso, pois o Ministério da Saúde ainda não pagara à EDS a fatura do mês de junho, mas não era a primeira vez que se atrasavam com o pagamento, e Paul deixara o assunto nas mãos do seu adjunto, Bill Gaylord; estava confiante de que ele conseguiria obter o dinheiro.

Durante a sua estada nos Estados Unidos, as notícias do Irão foram más. Foi declarada a lei marcial a 7 de setembro, e no dia seguinte mais de cem pessoas foram mortas pelos soldados numa manifestação na Praça Jaleh, no centro de Teerão.

Quando a família Chiapparone regressou ao Irão, até o próprio ar parecia diferente. Pela primeira vez, Paul e Ruthie ouviam tiros nas ruas, à noite. Ficaram alarmados; de súbito, compreenderam que a existência de problemas para os iranianos significava o mesmo para eles. Houve uma série de greves. A eletricidade era constantemente cortada, e, por isso, jantavam à luz das velas, e Paul vestia o sobretudo no trabalho para se manter quente. Tornou-se cada vez mais difícil levantar dinheiro dos bancos, e Paul organizou um serviço de levantamento de cheques na empresa para os funcionários. Quando o combustível para o aquecimento da casa estava quase a acabar, teve de andar pelas ruas até encontrar um camião-cisterna e subornar o condutor para ir a sua casa fornecer-lho.

Os seus problemas profissionais eram piores. O ministro da Saúde e da Segurança Social, Dr. Sheikholeslamizadeh, fora preso ao abrigo do artigo n.º 5 da lei marcial, que permitia a um procurador prender uma pessoa sem revelar a razão. Também na prisão, encontrava-se o vice-ministro Reza Neghabat, com quem Paul trabalhara de perto. O ministério ainda não pagara a conta de junho, nem qualquer outra a partir daí, e devia à EDS mais de quatro milhões de dólares.

Paul tentou conseguir o dinheiro durante dois meses. Os indivíduos com quem tratara anteriormente tinham desaparecido todos, e os substitutos não lhe respondiam normalmente às chamadas. Por vezes, alguém prometia investigar o problema e telefonar mais tarde. Depois de esperar por uma chamada que nunca chegava, Paul telefonava de novo, só para lhe dizerem que a pessoa com quem

falara na semana anterior deixara o ministério. Combinavam-se reuniões que eram depois canceladas. A dívida aumentava à razão de 1,4 milhões de dólares por mês.

A 14 de novembro, Paul escreveu ao Dr. Heidargholi Emrani, o vice-ministro encarregado da Organização da Segurança Social, comunicando formalmente que, se o ministério não pagasse dentro de um mês, a EDS deixaria de trabalhar. A ameaça foi repetida a 4 de dezembro pelo patrão de Paul, o presidente da EDS World, numa reunião pessoal com o Dr. Emrani.

Isso acontecera na véspera.

Se a EDS saísse, todo o sistema de segurança social iraniano entraria em rutura. Contudo, era cada vez mais óbvio que o país estava na bancarrota e pura e simplesmente não podia pagar as contas. Paul interrogou-se sobre o que faria o Dr. Emrani.

Ainda pensava no assunto quando Jay Coburn entrou com a resposta.

No início, porém, não ocorreu a Paul que a tentativa de lhe roubarem o passaporte podia ter como objetivo mantê-lo, e por conseguinte à EDS, no Irão.

Quando Coburn o informou dos factos, ele espantou-se: — Por que diabo fizeram isso?

— Não sei, o Majid não sabe e a Fara também não.

Paul olhou para ele. Durante o último mês, os dois homens tinham-se aproximado. Perante os restantes funcionários, Paul mantinha uma atitude serena, mas com Coburn pudera fechar a porta e perguntar:

— OK, que achas tu realmente?

Coburn disse: — A primeira questão é saber o que fazemos com a Fara. Ela pode arranjar problemas.

— Tem de lhes dar uma resposta qualquer.

— Uma cooperação aparente?

— Pode lá voltar e dizer-lhes que o Nyfeler e o Bucha já não residem cá...

— Já lhes disse isso.

— Pode levar os vistos de saída como prova.

— Pois — disse Coburn duvidoso. — Mas agora eles estão é interessados em ti e no Bill.

— Ela pode dizer que os passaportes não estão guardados na empresa.

— Talvez eles saibam que isso não é verdade. Talvez a Fara até já lhes tenha levado passaportes.

— Diz que os diretores não têm de manter os passaportes no gabinete.

— Isso pode resultar.

— Uma história qualquer convincente que diga que lhe foi fisicamente impossível fazer o que lhe pediram.

— Bom. Vou discutir isso com ela e com o Majid. — Coburn pensou durante um momento. — Sabes, o Bucha tem uma reserva num voo que parte amanhã. Ele podia ir.

— Provavelmente era o melhor. De qualquer modo eles pensam que ele já cá não está.

— E tu podias fazer o mesmo.

Paul refletiu. Talvez devesse partir imediatamente. O que fariam então os iranianos? Poderiam tentar deter outra pessoa. — Não — declarou. — Se formos, eu devo ser o último a partir.

— E vamos? — perguntou Coburn.

— Não sei. — Havia semanas que faziam aquela pergunta um ao outro todos os dias. Coburn montara um plano de evacuação que podia ser posto em ação instantaneamente, mas Paul continuava a hesitar. Sabia que o seu chefe supremo, em Dallas, queria que ele procedesse à evacuação, mas isso significava abandonar o projeto em que tanto trabalhara nos últimos dezasseis meses. — Não sei — repetiu. — Vou telefonar para Dallas.

Nessa noite, Coburn estava em casa, na cama com Liz, profundamente adormecido, quando o telefone tocou.

Atendeu às escuras. — Sim?

— Fala o Paul.

— Olá. — Coburn acendeu a luz e olhou para o relógio de pulso. Eram duas da manhã.

— Vamos evacuar — anunciou Paul.

— É para já.

Coburn pousou o auscultador e sentou-se na berma da cama. De certa forma, era um alívio. Haveria dois ou três dias de atividade frenética, mas depois saberia que as pessoas com cuja segurança se preocupava havia tanto tempo estariam de regresso aos Estados Unidos, fora do alcance daqueles iranianos loucos.

Reviu mentalmente os planos que fizera para aquele momento. Primeiro, tinha de informar cento e trinta famílias que iam deixar o país nas próximas quarenta e oito horas. Dividira a cidade em secções, com um chefe de equipa para cada secção. Ia telefonar aos chefes, cuja tarefa seria telefonar às famílias. Preparara folhetos para os evacuados, informando-os para onde deviam ir e o que fazer. Só necessitava de preencher os espaços em branco com as datas, as horas e o número dos voos e depois mandar duplicá-los e distribuí-los.

Escolhera um jovem engenheiro de sistemas iraniano, enérgico e imaginativo, chamado Rashid, e dera-lhe a tarefa de tratar das casas, dos carros e dos animais de estimação que seriam deixados para trás pelos americanos em fuga e, mais tarde, enviar-lhes os bens para os Estados Unidos. Nomeara um pequeno grupo logístico para organizar os bilhetes e o transporte para o aeroporto.

Por fim, realizara um ensaio da evacuação em pequena escala com algumas pessoas. Tinha funcionado.

Coburn vestiu-se e fez café. Não podia fazer nada nas próximas horas, mas sentia-se demasiado ansioso e impaciente para voltar a dormir.

Às quatro da manhã, telefonou à meia dúzia de membros do grupo logístico, acordou-os e disse-lhes para se encontrarem com ele no edifício Bucareste imediatamente após o recolher obrigatório, que começava às nove da noite e terminava às cinco da manhã.

Sentou-se à espera durante uma hora, a fumar e a beber muito café, enquanto revia as notas.

Quando o relógio de cuco do vestíbulo cantou as cinco horas, estava já à porta, pronto a sair.

Lá fora, o nevoeiro era espesso. Entrou no carro e rumou ao Bucareste, arrastando-se a menos de vinte e cinco quilómetros por hora.

A três quarteirões da sua casa, meia dúzia de soldados saltaram do nevoeiro e dispuseram-se em semicírculo em frente do carro, apontando as espingardas ao para-brisas.

— Oh, merda! — exclamou Coburn.

Um dos soldados ainda estava a carregar a arma. Tentava enfiar o clipe ao contrário, e a peça não entrava. Deixou-a cair e baixou-se, apoiando-se num joelho, enquanto rebuscava o chão em busca da peça. Coburn ter-se-ia rido se não estivesse assustado.

Um oficial gritou-lhe em persa. Ele desceu a janela e mostrou-lhe o relógio. — Já passa das cinco.

Os soldados conferenciaram. O oficial voltou e pediu-lhe a identificação.

Coburn esperou, ansioso. Seria o pior dia possível para ser preso. Acreditaria o oficial que o relógio de Coburn estava certo e que o dele se atrasara?

Por fim, os soldados saíram da estrada, e o oficial fez-lhe sinal que seguisse.

Coburn suspirou de alívio e avançou lentamente.

Era assim o Irão.

## II

O grupo de logística de Coburn deitou-se ao trabalho, fazendo reservas de voos, alugando autocarros para levar as pessoas para o aeroporto e fotocopiando folhetos. Às dez da manhã, Coburn reuniu os chefes de equipa no Bucareste e pô-los a telefonar aos evacuados.

Conseguiu reservas para a maioria num voo da Pan Am para Istambul na sexta-feira 8 de dezembro. Os restantes — incluindo Liz Coburn e os quatro filhos — tomariam um voo da Lufthansa para Frankfurt nesse mesmo dia.

Assim que as reservas foram confirmadas, dois executivos de topo da sede da EDS, Merv Stauffer e T. J. Marquez, partiram

de Dallas para Istambul para receber os evacuados, conduzi-los aos hotéis e organizar a fase seguinte do voo de regresso a casa.

Durante o dia, ocorreu uma pequena alteração no plano. Paul continuava relutante em abandonar o seu trabalho no Irão e propôs que um grupo de pessoal de cerca de dez funcionários superiores lá permanecesse a fim de manter o escritório a trabalhar, na esperança de que o Irão acalmasse e de que a EDS pudesse, com o tempo, vir a retomar o trabalho normalmente. Dallas concordou. Entre os que se voluntariaram para ficar contavam-se o próprio Paul, o seu vice, Bill Gaylord, Jay Coburn, e a maior parte do seu grupo de logística. Duas pessoas que ficaram relutantemente foram Carl e Vickie Commons: ela estava grávida de nove meses e partiria após o nascimento do bebé.

Na sexta de manhã, a equipa de Coburn, com os bolsos cheios de dez mil riais (cerca de cento e quarenta dólares) para subornos, ocupou literalmente uma secção do aeroporto de Mehrabad, na zona ocidental de Teerão. Coburn tinha gente a passar bilhetes por trás do balcão da Pan Am, gente no controlo de passaportes, outros na sala de embarque e ainda outros a tratar das bagagens. O voo encontrava-se em *overbooking*, mas os subornos asseguraram que ninguém da EDS fosse excluído.

Ocorreram dois momentos particularmente tensos. A mulher de um funcionário da EDS com um passaporte australiano não conseguira obter um visto de saída, pois os serviços governamentais que os emitiam estavam todos em greve. (O marido e os filhos tinham passaportes americanos e, portanto, não necessitavam de vistos de saída.) Quando o marido chegou ao balcão de controlo de passaportes, entregou o seu passaporte e o dos filhos no meio de uma pilha de seis ou sete outros passaportes. Enquanto o funcionário tentava verificá-los, gente da EDS na fila atrás deles começou a empurrar e a causar um alvoroço. Alguns elementos da equipa de Coburn aglomeraram-se em torno do balcão, fazendo perguntas em voz alterada e fingindo-se irritados devido à demora. No meio da confusão, a mulher do passaporte australiano passou a barreira da sala de embarque sem que a detivessem.

Uma outra família da EDS adotara um bebé iraniano e ainda não conseguira obter um passaporte para a criança. Apenas com



alguns meses, o bebé adormecera de rosto para baixo sobre o braço da mãe. Uma outra mulher da EDS, Kathy Marketos, de quem se dizia que queria experimentar tudo pelo menos uma vez, agarrou no bebé, instalou-o sobre o braço, cobriu-o com a gabardina e levou-o para bordo.

Todavia, passaram muitas horas antes de alguém conseguir entrar no avião. Ambos os voos estavam atrasados. No aeroporto não havia comida, e os evacuados estavam esfomeados; assim, pouco antes do recolher obrigatório, alguns elementos da equipa de Coburn andaram de carro pela cidade a comprar tudo o que encontraram que fosse comestível. Compraram todo o conteúdo de diversas tendas *kuche* — bancas erguidas nas esquinas das ruas que vendiam doces, fruta e cigarros — e, num Kentucky Fried Chicken chegaram a acordo para comprar todos os pãezinhos. De regresso ao aeroporto, ao distribuírem a comida à gente da EDS na sala de embarque, quase foram assaltados pelos outros passageiros esfomeados que esperavam pelos mesmos voos. No regresso ao centro da cidade, dois elementos da equipa foram apanhados e presos por desrespeitarem o recolher obrigatório, mas o soldado que os prendeu distraiu-se com outro carro que tentou escapar, e os homens da EDS prosseguiram enquanto ele disparava para o outro lado.

O voo para Istambul partiu pouco depois da meia-noite. O de Frankfurt levantou voo no dia seguinte com trinta e uma horas de atraso.

Coburn e a sua equipa passaram a noite no Bucareste. Não tinham ninguém em casa.

Enquanto Coburn dirigia a evacuação, Paul tentara descobrir quem lhe queria confiscar o passaporte e por que motivo.

O seu assistente administrativo, Rich Gallagher, era um jovem americano, bom a lidar com a burocracia iraniana. Fora um dos que se voluntariara a ficar em Teerão. A sua mulher, Cathy, também ficara. Tinha um bom emprego nos serviços militares americanos, em Teerão. Os Gallaghers não queriam ir-se embora. Além disso, não tinham filhos com que se preocupar, apenas um caniche chamado *Buffy*.

No dia em que tinham pedido a Fara que levasse os passaportes, 5 de dezembro, Gallagher visitou a Embaixada dos Estados Unidos com uma das pessoas a quem tinham exigido o passaporte: Paul Bucha, que já não trabalhava no Irão, mas que estava por acaso na cidade, em visita.

Encontraram-se com o cônsul-geral Lou Goelz; com muita experiência do cargo, andava na casa dos cinquenta e era um homem corpulento, quase careca, com uma orla de cabelo branco. Teria dado um bom Pai Natal. Com Goelz encontrava-se um membro iraniano do pessoal consular, Ali Jordan.

Goelz aconselhou Bucha a ir apanhar o avião. Fara dissera à polícia, com toda a inocência, que Bucha não se encontrava no Irão, e eles aparentemente acreditaram nela. Havia todas as hipóteses de Bucha se poder escapulir.

Goelz também se ofereceu para ficar com os passaportes e autorizações de residência de Paul e Bill como medida de segurança. Assim, se a polícia apresentasse um pedido formal dos documentos, a EDS poderia encaminhá-los para a embaixada.

Entretanto, Ali Jordan iria contactar a polícia e tentar saber o que diabo se passava.

Mais tarde, nesse mesmo dia, os passaportes e os papéis foram entregues na embaixada.

Na manhã seguinte, Bucha apanhou o avião e saiu do país. Gallagher telefonou para a embaixada. Ali Jordan falara com o general Biglari do Departamento da Polícia de Teerão, que lhe dissera que Paul e Bill estavam retidos no país e seriam presos se tentassem sair.

Gallagher perguntou o motivo.

Estavam retidos como «testemunhas materiais numa investigação», segundo Jordan percebeu.

Que investigação?

Jordan não sabia.

Paul ficou perplexo e também ansioso, quando Gallagher lhe contou tudo aquilo. Não estivera envolvido em acidentes rodoviários, não testemunhara qualquer crime, não tinha ligações à CIA... Quem ou o quê estava a ser investigado? A EDS? Ou seria a investigação apenas

uma desculpa para manter Paul e Bill no Irão a fim de que continuassem a operar os computadores do sistema da Segurança Social?

A polícia fizera uma concessão. Ali Jordan argumentara que a polícia tinha o direito de confiscar as autorizações de residência, que eram propriedade do governo iraniano, mas não os passaportes, que eram propriedade do governo americano. O general Biglari admitira esse facto.

No dia seguinte, Gallagher e Jordan foram à esquadra entregar os documentos a Biglari. No caminho, Gallagher perguntou a Jordan se pensava que havia alguma hipótese de Paul e de Bill serem acusados de um ato ilegal.

«Duvido muito», respondera o outro.

Na esquadra da polícia, o general avisou Jordan de que a embaixada seria responsabilizada se Paul e Bill saíssem do país por qualquer meio, mesmo num avião militar.

No dia seguinte, 8 de dezembro, o dia da evacuação, Lou Goelz telefonou à EDS. Descobrira, através de uma «fonte» do Ministério da Justiça iraniano, que a investigação da qual Paul e Bill eram presumíveis testemunhas materiais se centrava numa acusação de corrupção contra o ministro da Saúde, o Dr. Sheikholeslamizadeh, agora detido.

Foi um alívio para Paul saber, por fim, o significado de tudo aquilo. Podia contar a verdade aos investigadores sem problemas: a EDS não pagava subornos. Duvidava que alguém tivesse subornado o ministro. Os burocratas iranianos eram notoriamente corruptos, mas o Dr. Sheik — como Paul lhe chamava resumidamente — parecia pertencer a um modelo diferente. Era cirurgião ortopédico de profissão e tinha um espírito discernente e uma capacidade impressionante de compreender os pormenores. No Ministério da Saúde, rodara-se de um grupo de jovens tecnocratas progressistas que arranjava forma de contornar a burocracia e fazer coisas. O projeto da EDS era apenas uma parte do seu ambicioso plano para levar a saúde e os serviços sociais iranianos ao nível dos americanos. Não acreditava que o Dr. Sheik estivesse a encher os bolsos de dinheiro.

Paul não tinha nada a temer... se a «fonte» de Goelz estivesse a dizer a verdade. Mas estaria? O Dr. Sheik fora preso havia três

meses. Seria coincidência os iranianos terem compreendido de súbito que Paul e Bill eram testemunhas materiais, quando Paul lhes disse que a EDS deixaria o Irão a não ser que o ministério pagasse as contas?

Após a evacuação, os homens da EDS que restavam mudaram-se para duas casas e lá ficaram, a jogar póquer, durante 10 e 11 de dezembro, os dias santos da Ashura. Havia uma casa de apostas altas e outra de apostas baixas, e tanto Paul como Coburn se encontravam na das altas. Como proteção, convidaram os «espiões» de Coburn — os seus dois contactos nos serviços de informações militares —, pois usavam arma. Na mesa de póquer não eram permitidas armas, portanto os «espiões» tiveram de as deixar no vestíbulo.

Ao contrário das expectativas, a Ashura decorreu em relativa paz: milhões de iranianos estiveram presentes em manifestações anti-Xá em todo o país, mas houve pouca violência.

Depois da Ashura, Paul e Bill pensaram de novo em fugir do país, mas esperava-os um choque. Como medida preliminar, pediram a Lou Goelz, da embaixada, para lhes devolver os passaportes. Este disse que, se o fizesse, seria obrigado a informar o general Bilgari, o que funcionaria como um aviso à polícia de que Paul e Bill estavam a tentar escapular-se.

Goelz insistiu em como, ao aceitar os passaportes, dissera à EDS que era esse o acordo com a polícia. Devia, porém, ter falado muito baixo, pois ninguém se conseguia lembrar.

Paul ficou furioso. Por que motivo tinha Goelz de fazer fosse que acordo fosse com a polícia? Não tinha qualquer obrigação de lhes dizer o que fazia com um passaporte americano. Por amor de Deus, o trabalho dele não era ajudar a polícia a manter Paul e Bill no Irão! A embaixada estava ali para ajudar os americanos, não era?

Goelz não poderia voltar atrás com o estúpido acordo e devolver-lhes discretamente os passaportes, talvez informando a polícia uns dois dias depois, quando Paul e Bill estivessem em segurança? «Nem pensar», dissera Goelz. Se discutisse com a polícia, eles iriam arranjar problemas a toda a gente, e Goelz tinha de se preocupar com os restantes doze mil americanos ainda no Irão. Além

disso, os nomes de Paul e Bill constavam agora da lista negra da polícia do aeroporto; mesmo com todos os documentos em ordem nunca passariam o controlo de passaportes.

Quando a notícia de que Paul e Bill estavam na realidade encravados no Irão chegou a Dallas, a EDS e os seus advogados entraram em ação. Os seus contactos em Washington não eram tão bons como seriam com um governo republicano, mas ainda tinham alguns amigos. Falaram com Bob Strauss, um influente mediador da Casa Branca que, por acaso, era texano; com o almirante Tom Moorer, antigo presidente do Estado-Maior, que conhecia muitos dos generais que comandavam agora o governo militar do Irão; e com Richard Helms, antigo diretor da CIA e antigo embaixador americano no Irão. Em resultado da pressão exercida sobre o Departamento de Estado, o embaixador americano em Teerão, William Sullivan, referiu o caso de Paul e Bill numa reunião com o primeiro-ministro iraniano, general Azhari.

Nada disto deu qualquer fruto.

Os trinta dias que Paul dera aos iranianos para pagarem a conta terminaram, e, a 16 de dezembro, escreveu ao Dr. Emrani a terminar formalmente o contrato. Mas não desistira. Pediu a uns quantos executivos evacuados para regressarem a Teerão como sinal da boa vontade da EDS em tentar resolver os problemas com o ministério. Alguns deles, encorajados pela pacífica Ashura, até trouxeram as famílias consigo.

Nem a embaixada nem os advogados da EDS em Teerão haviam conseguido descobrir quem ordenara que Paul e Bill ficassem retidos. Foi Majid, o pai de Fara, quem acabou por conseguir a informação do general Biglari. O juiz de instrução Hosain Dadgar, um funcionário de nível intermédio do gabinete do promotor público, num departamento que lidava com crimes cometidos por funcionários públicos e tinha poderes muito dilatados. Dadgar conduzia o inquérito sobre o Dr. Sheik, o antigo ministro da Saúde, agora detido.

Uma vez que a embaixada não conseguira persuadir os iranianos a deixarem Paul e Bill sair do país e se recusava a devolver-lhes discretamente os passaportes, poderiam pelo menos fazer com que

o tal Dadgar os interrogasse o mais depressa possível para poderem ir passar o Natal a casa? Goelz retorquiu que o Natal não tinha grande significado para os Iranianos, mas que o Ano Novo tinha, e, portanto, iria tentar marcar uma reunião para antes dessa data.

Durante a segunda semana de dezembro, os motins recomeçaram (e a primeira coisa que os executivos que haviam regressado fizeram foi planear uma segunda evacuação). A greve geral prosseguiu e as exportações de petróleo — a fonte de rendimento mais importante do governo — pararam, reduzindo a zero as hipóteses de a EDS ser paga. Apareciam tão poucos iranianos para trabalhar no ministério que os homens da EDS nada tinham para fazer, e Paul enviou metade deles para passarem o Natal nos Estados Unidos.

Fez as malas, fechou a casa e mudou-se para o Hilton, pronto a ir para casa à primeira oportunidade.

A cidade fervilhava de rumores. Jay Coburn apanhava a maior parte deles na sua rede e contava a Paul os mais interessantes. Um, mais inquietante que a maioria, veio de Bunny Fleischaker, uma rapariga americana com amigos no Ministério da Justiça. Bunny trabalhara para a EDS nos Estados Unidos e mantivera-se em contacto com eles em Teerão, embora já não trabalhasse para a companhia. Telefonou a Coburn para dizer que o Ministério da Justiça planeava prender Paul e Bill.

Paul discutiu aquilo com Coburn, pois contradizia o que ouviam da embaixada. Concordaram que o parecer dos americanos era certamente melhor que o de Bunny Fleischaker e decidiram não agir.

Paul passou o dia de Natal calmamente, na companhia de alguns colegas, em casa de Pat Sculley, um jovem gestor da EDS, que se voluntariara a regressar a Teerão. A mulher dele, Mary, também viera e foi ela a preparar a ceia de Natal. Paul teve saudades de Ruthie e das filhas.

Dois dias depois do Natal, a embaixada telefonou. Tinham conseguido agendar uma reunião para Paul e Bill com o juiz de instrução Hosain Dadgar. Iria ter lugar na manhã seguinte, 28 de dezembro, no edifício do Ministério da Saúde, na Avenida Eisenhower.